

Representações sociais de professores de Educação Física sobre o ensino do conteúdo de lutas na escola

Social representations of Physical Education teachers about teaching fight content at school

Anderson Carvalho de Oliveira¹, Gabriela Conceição de Souza², Felipe da Silva Triani³

Como citar esse artigo. OLIVEIRA, A. C. SOUZA, G. C. TRIANI, F. S. Representações sociais de professores de Educação Física sobre o ensino do conteúdo de lutas na escola. **Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades**, Vassouras, v. 15, n. 1, Edição Especial, p. 76-86, jan./abr. 2024.



Resumo

No Brasil, os objetivos e propostas educacionais da Educação Física sofreram transformações com a publicação da BNCC, impactando diretamente a formação profissional e a prática pedagógica. Este artigo analisa as Representações Sociais (RS) dos professores de Educação Física Escolar sobre o conteúdo de lutas. O estudo é de caráter qualitativo-quantitativo e se apropriou da Teoria das RS, tendo sido realizado com professores de Educação Física atuantes em todas as etapas da Educação Básica das redes públicas e privadas do Rio de Janeiro. Os resultados evidenciam representações sociais de que as lutas na Educação Física Escolar parecem ser, ainda, uma dificuldade de aplicação, mesmo para professores que tiveram vivências e experiências em diferentes artes marciais. Dessa forma, o Núcleo Central das RS apareceu associado à disciplina e à dimensão procedimental do conhecimento, a qual se resume à prática de jogos de oposição e práticas que não buscam definir uma modalidade de arte marcial.

Palavras-chave: Representações Sociais; Lutas; Educação Física Escolar; Artes Marciais.

Abstract

In Brazil, the educational objectives and proposals of Physical Education underwent transformations with the publication of the BNCC, directly impacting professional training and pedagogical practice. This article analyzes the Social Representations (RS) of school Physical Education teachers regarding the content of fights. The study is qualitative-quantitative in nature and adopted the SR Theory, having been carried out with Physical Education teachers working in all stages of Basic Education in public and private networks in Rio de Janeiro. The results show social representations that fights in school Physical Education still seem to be difficult to apply, even for teachers who have experience in different martial arts. In this way, the Central Nucleus of RS appeared associated with the discipline and procedural dimension of knowledge, which boils down to the practice of oppositional games and practices that do not seek to define a form of martial art.

Keywords: Social Representations; Fights; School Physical Education; Martial arts.

Nota da Editora. Os artigos publicados na Revista Mosaico são de responsabilidade de seus autores. As informações neles contidas, bem como as opiniões emitidas, não representam pontos de vista da Universidade de Vassouras ou de suas Revistas.

Introdução

No Brasil, os objetivos e propostas educacionais da Educação Física sofreram mudanças com o passar dos anos, de forma que influenciam a formação profissional e suas práticas pedagógicas. Desde discursos pautados na higiene, na saúde e na eugenia, passando por influências militares e políticas, as lutas como conteúdo da Educação Física foram mais evidenciadas após a implementação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) em 1998 (BRASIL, 1998) e mais recentemente na Base Nacional Curricular Comum (BNCC) (BRASIL, 2017).

Silva e Bracht (2012) consideram que há uma resistência no campo da Educação Física, de maneira

Afiliação dos autores:

¹Especialização em Educação Física Escolar. Professor na FIRJAN, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

²Doutora em Ciências do Exercício e do Esporte. Professora no Instituto Federal do Rio de Janeiro, Pinheiral, Rio de Janeiro, Brasil.

³Doutor em Ciências do Exercício e do Esporte. Professor na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Pinheiral, Rio de Janeiro, Brasil.

Email de correspondência: gabriela.souza@ifrj.edu.br

Recebido em: 04/11/2023. Aceito em: 18/04/2024.

que ainda se valorizam as práticas hegemônicas com esportes de quadra. No entanto, Darido e Souza Junior (2019) informam que o modelo de esporte de alto rendimento na escola recebeu fortes críticas, com isso, a partir de transformações nos cenários políticos, surgem diferentes formas de pensar na Educação Física Escolar. Diante dessa diversificação encontram-se formas alternativas de pensar a Educação Física na escola, cujas características formam a cultura corporal do movimento, dentre elas: brincadeiras e jogos, danças, esportes, ginásticas, lutas e práticas corporais de aventura (BRASIL, 2017).

Quase vinte anos depois da publicação dos PCNs, a BNCC foi homologada resgatando algumas questões que não estavam contempladas no PCNs com valores mais técnicos e competitivos das práticas. Para além das críticas recebidas, o documento se tornou uma orientação curricular para as redes de ensino. Seus apontamentos e propostas pedagógicas, sobretudo no Ensino Fundamental, mostram o conteúdo de lutas tanto como sétima categoria da Unidade Temática “Esportes”, como conteúdo da sua própria Unidade Temática, denominada “lutas”. A diferença entre elas está no nível de aprofundamento do objeto de conhecimento. Enquanto a primeira se atém aos conceitos técnicos, a segunda inclui elementos históricos e culturais envolvidos nas práticas corporais.

Para Gomes (2023), o termo “lutas” abrange características das artes marciais e esportes de combate, e, por isso, é mais adequada para compreender o contexto mais amplo que vai além da marcialidade e do esporte. O termo “lutas” no contexto educacional, também abrange cultura, política e sociedade, segundo a autora. Por esta razão, optamos por utilizar predominantemente este termo, para nos referir ao conteúdo lutas da Educação Física Escolar, porém, em determinadas ocasiões, o próprio senso comum dos professores tende a chamar de arte marcial, embora este não seja um ponto de discussão deste artigo.

Diante dos documentos de orientação curricular, é preciso destacar que há necessidade de abordagem mais específica no Ensino Superior que traga elementos didático-pedagógicos das lutas neste contexto ou, pelo menos, uma preocupação em como este conteúdo vem sendo implementado para que o professor tenha elementos mínimos para elaborar suas aulas no que se refere ao conteúdo de lutas (CARTAXO, 2011; GASPAROTTO; SANTOS, 2013; JACOMIN *et al.*, 2013; COLUMÁ, 2017; PEREIRA, 2018; COSTA *et al.*, 2019; LEONEL, 2019).

As lutas como ferramentas desenvolvem inúmeros benefícios aos usuários, dentre eles no aspecto motor o desenvolvimento da lateralidade, manutenção do tônus muscular, melhora do equilíbrio e coordenação global, noção de espaço e tempo, e noção do corpo. As lutas no aspecto cognitivo ajudam na percepção, no raciocínio, na formulação de estratégias e atenção, já no aspecto afetivo observa-se uma reação em determinadas atitudes, a postura social, a socialização, a perseverança, o respeito e a determinação (FERREIRA, 2006; ROSA *et al.*, 2011; GASPAROTTO, SANTOS, 2013).

De acordo com Cartaxo (2011), as dimensões conceituais, atitudinais e procedimentais devem ser organizadas de maneira que seja estabelecida uma compreensão do tema proposto, as diferenças entre os tipos de lutas, o que se deve esperar dos alunos em cada aula e no processo de aprendizagem desse conteúdo.

Considerando o processo histórico de cada luta, seja ela do Brasil ou do mundo, existe um processo de esportivização que torna necessário compreender as lutas em que existem pontuações envolvidas, como as que conferem a vitória durante o confronto; e as lutas que são consideradas para sobrevivência. Neste último caso, as técnicas são fatais ou altamente lesivas, uma vez que seu objetivo é neutralizar o oponente para uma possível fuga, a fim de preservar a própria integridade física. Neste sentido, Breda *et al.* (2010, p. 64) sugere uma classificação das lutas em: “lutas de curta distância, de média distância, de longa distância”, porém ressalta que “uma única modalidade pode apresentar características dos três grupos” (p. 66), sendo assim, podemos dizer que são modalidades mistas.

Mesmo com essa pluralidade de lutas, Pereira (2018) defende que não é preciso o professor ter um profundo conhecimento sobre práticas corporais de lutas específicas, já que os aspectos que envolvem os elementos das lutas são suficientes para ser trabalhados na Educação Física da escola, de forma que, mesmo que este conteúdo não seja profundamente desenvolvido na formação inicial do professor, não é

necessário temer aplicá-lo nas aulas.

Tendo em vista o contexto apresentado, temos como pressuposto que os professores de Educação Física acabam por receber nenhuma ou pouca informação acerca do conteúdo de lutas, e mesmo os que tentam aplicar seus conhecimentos o fazem com limitações de um embasamento didático pedagógico. Dessa forma, o objetivo deste artigo é identificar e analisar as representações sociais dos professores de Educação Física que atuam no ensino básico sobre o conteúdo de lutas nas aulas.

Metodologia

O estudo é de caráter qualitativo-quantitativo e se apropria da Teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI, 1978) enquanto ferramenta teórico-metodológica. Além disso, considerando as diferentes formas de abordagem presentes na referida teoria, optamos pela abordagem denominada estrutural, que tem como principal característica a identificação do Núcleo Central e do sistema periférico das representações sociais (SÁ, 2002).

A pesquisa contou com a participação de 40 professores de Educação Física, escolhidos aleatoriamente através das redes sociais. O critério de inclusão era que os professores deveriam atuar no Estado do Rio de Janeiro e estar lecionando em uma ou mais das três etapas da Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental ou Médio), tanto de escolas públicas, como em particulares. Também só foram aceitos professores com mais de 5 anos de atuação com a Educação Física Escolar. Apenas um informante atuava tanto na escola pública, quanto na privada.

Os dados foram coletados através de formulário eletrônico, com uso da plataforma *google forms*. Foram descartados os professores com menos de 5 anos de atuação em escolas e/ou que não atuassem no Estado do Rio de Janeiro, sendo descartado um total de 17 respondentes.

Os participantes responderam ao Teste de Associação Livre de Palavras, instrumento em que os respondentes devem evocar as primeiras três palavras que vêm à mente ao ler um termo indutor apresentado pelo pesquisador. Em seguida, os participantes devem enumerar de 1 até 3 as evocações por ordem de importância, sendo 1 para a mais importante e 3 para a menos importante. Na ocasião do estudo em tela, os professores de Educação Física responderam ao teste com base no seguinte termo indutor: conteúdo de lutas na Educação Física Escolar.

Além do Teste de Associação Livre de Palavras, os professores responderam algumas questões relacionadas a: sua formação; ao seu seguimento de atuação no ensino básico; a região de atuação docente; se já possuía vivências anteriores com a prática das lutas; quais os recursos que utiliza para se instruir quanto a este conteúdo para ministrar suas aulas; e como utiliza este conteúdo. Essas informações serviram para contextualizar as palavras que emergiram por meio da aplicação do teste.

O tratamento dos dados ocorreu por meio da utilização do software IRAMUTEC e a técnica de análise empregada foi a denominada prototípica. Nessa análise os resultados são representados por um Quadro de Quatro Casas. Desta forma, o Núcleo Central das Representações Sociais (NCRS) é representado pelos elementos presentes no quadrante superior esquerdo. Já o sistema periférico é representado pelos demais quadrantes, sendo o superior direito denominado de zona intermediária, o inferior esquerdo zona contrastante e o inferior direito zona periférica. Essas informações são representadas no Quadro 1.

Quadro 1. Estrutura do quadro do Núcleo Central das Representações Sociais (NCRS)

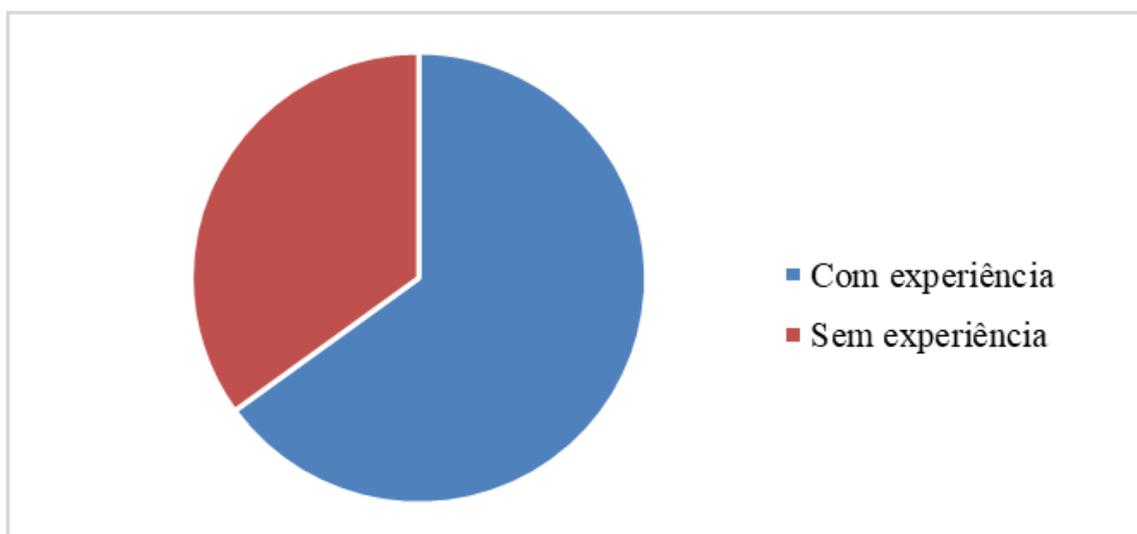
NCRS: Frequência (F) \geq Ordem Média de Evocação (OME) <	Zona intermediária: F \geq OME \geq
Zona contrastante: F < OME <	Zona periférica: F < OME \geq

Diante da natureza da pesquisa, vale destacar que a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob número de protocolo 3.743.782. Desse modo, todos os participantes foram informados sobre os objetivos, riscos e benefícios da pesquisa por meio do preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os participantes serão mantidos em anonimato e os referidos dados e termos recolhidos ficarão resguardados por ao menos três anos e posteriormente serão descartados.

Resultados e discussão

De acordo com os dados coletados, verificou-se que 26 professores tiveram uma experiência prévia com as lutas para além do ensino superior e 14 professores não tiveram experiências prévias. Porém, 18 professores disseram que suas experiências com as lutas no ensino superior foram satisfatórias, e 22 professores acharam superficial ou insuficiente.

Desses 22 professores que não consideraram suas experiências com as lutas satisfatórias no ensino superior, 18 incluem em seu planejamento o conteúdo de lutas. Desse mesmo grupo, 13 tinham tido experiências com alguma modalidade de luta antes do ingresso na graduação. Além disso, 7, dentre os 22 professores, não tiveram experiências com as lutas antes da faculdade, e mesmo sem experiência nenhuma e considerando insatisfatória a prática no ensino superior, aplica os conteúdos de lutas em suas aulas. Estes achados corroboram os autores que trazem para a discussão sobre esta temática (CARTAXO, 2011; PEREIRA, 2018), que a formação inicial não é suficiente, no entanto, não justifica que não se aplique ao ensino básico, embora o número de professores tenha sido pequeno, o que mostra que a insegurança em desenvolver esse tema ainda predomina.

**Figura 1.** Professores com e sem experiências com as lutas

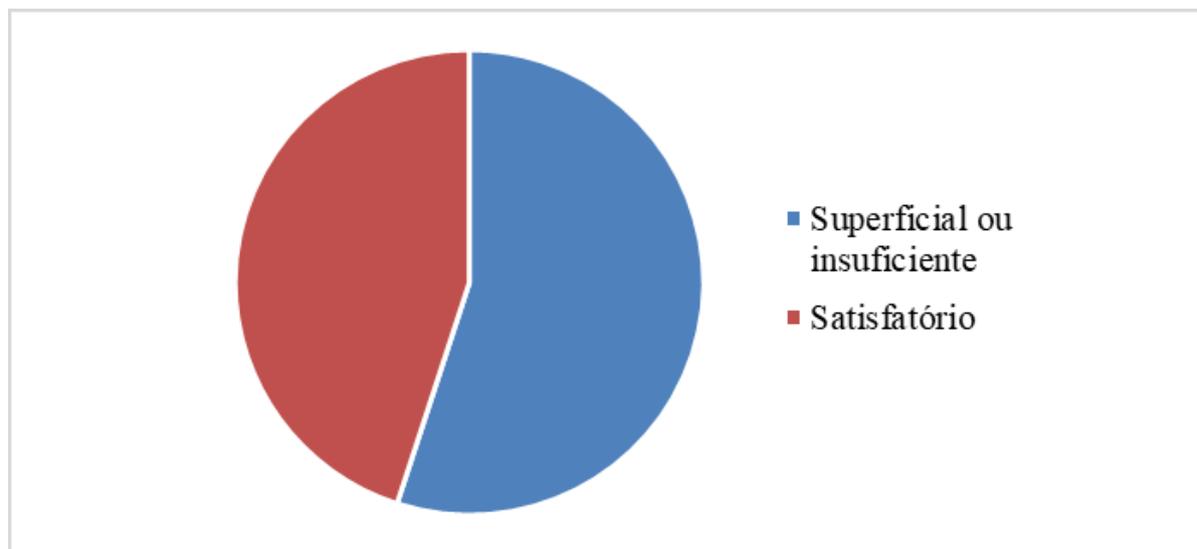


Figura 2. Nível de satisfação dos professores com o conteúdo de lutas no ensino superior

No processo de compreensão das Representações Sociais que propomos aqui, os indivíduos tiveram acesso a um conteúdo, no caso as lutas e artes marciais, antes de sua formação no nível superior, mesmo que nem todos tenham posto em prática os conhecimentos, havia um senso comum sobre o que eram lutas e artes marciais circulantes na sociedade, seja através de mídias, redes sociais, filmes, dentre outros. Além disso, os indivíduos foram submetidos ao processo de formação nas licenciaturas em que foram expostos a esses conhecimentos. Dessa forma, foram criadas suas ancoragens para que a familiaridade com o objeto aqui proposto possa ser analisada neste estudo. Logo, o sentido que propomos aqui é compreender como esses indivíduos entendem ou representam este conteúdo das lutas no ensino da Educação Física Escolar.

Foram registradas 113 palavras evocadas, de 40 professores, sendo as palavras que obtiveram frequência igual a 1 foram descartadas por não possuírem representatividade, onde para o processo de evocações foram adotados os seguintes passos: leitura das evocações (tornou-se única evocação palavras cujo seu significado era o mesmo do grupo semântico); cálculo da frequência absoluta de cada termo evocado; média da frequência de todas as evocações; cálculo da ordem média de evocação de cada grupo; e da média das ordens médias. As evocações formaram 15 grupos. A média de frequência (F) foi de 6,3 e a média das ordens médias de evocações (OME) foi de 2,05. O quadro 2, apresenta os quadrantes com os possíveis grupos que compõem as representações sociais.

Quadro 2. Quadro de Quatro Casas referente ao termo indutor “Conteúdo de lutas na Educação Física Escolar” para professores de Educação Física da Educação Básica

Elementos Centrais - 1º quadrante			Elementos Intermediários - 2º quadrante		
Alta F e baixa Ordem Média de Evocações $F \geq 6,30$ e $OME < 2,05$			Alta F e alta Ordem Média de Evocações $F \geq 6,30$ e $OME \geq 2,05$		
Grupo Semântico de Palavras	Freq.	OME	Grupo Semântico de Palavras	Freq.	OME
Disciplina	22	1,45	Dimensão Atitudinal	21	2,38
Dimensão Procedimental	9	2,00	Respeito	16	2,13
			Motricidade	8	2,38
			Dificuldade de aplicação	7	2,14
Elementos Intermediários - 3º quadrante			Elementos Periféricos - 4º quadrante		
Baixa F e baixa Ordem Média de Evocações $F < 6,30$ e $OME < 2,05$			Baixa F e alta Ordem Média de Evocações $F < 6,30$ e $OME \geq 2,05$		
Grupo Semântico de Palavras	Freq.	OME	Grupo Semântico de Palavras	Freq.	OME
Formação	6	1,67	Dimensão conceitual	4	2,75
Psicomotricidade	3	1,00			
Importante	2	1,50			
Responsabilidade	2	1,00			
Hierarquia	2	1,50			
Infraestrutura	2	1,50			
			Ludicidade	4	3,00
			Educação	2	2,50

Observa-se que no 1º quadrante, encontra-se dois grupos semânticos de palavras “disciplina” e “dimensão procedimental”, sendo os elementos que compõem o Núcleo Central, por terem frequência alta e baixa ordem média de evocações.

Ao analisar as características dos professores, os quais suas palavras encontram-se dentro do Núcleo Central, identificamos que é de predominância do grupo que classifica o ensino de lutas como muito importante, em uma média de 4,2 de acordo com uma escala de 1 a 5, e apresentam satisfação em sua formação inicial.

Dentre os professores que nunca tiveram experiência com as lutas, 11 professores evocaram alguma palavra que se encontra neste quadrante “disciplina” e/ou “dimensão procedimental”, o que pode ser indício de que as experiências prévias não determinam as representações que emergem ao longo da prática docente (PEREIRA, 2018).

Fizeram parte da categoria dimensão procedimental, evocações que continham os termos: jogos de oposição, golpe, autodefesa, defesa, judô, jiu-jitsu e arte marcial.

O grupo de professores, cujas palavras enunciadas compõem a enunciação da categoria Dimensão Procedimental, reflete sobre como os professores possuem como um norte ao ter as lutas como conteúdo na Educação Física Escolar assim como descrito por Cartaxo (2011), Rufino e Darido (2015) e Columá

(2017), ao ser perguntados como eles trabalham com lutas na Educação Física Escolar. Dos 40 professores pesquisados 16 apresentaram características procedimentais, significando aproximadamente 42% da forma de como trabalham.

Os aspectos procedimentais devem ser os jogos propriamente ditos, as práticas das lutas orientais e ocidentais com destaque à suas diferenças, assim como às lutas olímpicas e não olímpicas e as práticas de defesa pessoal (CARTAXO, 2011).

Para Rufino e Darido (2015) esta dimensão implica na aprendizagem de procedimentos e ações que comporta atividades que viabilizam as atividades e as práticas em si. Neste caso, para as lutas, o processo de ensino e aprendizagem deve concentrar a pessoa que se movimenta, e não apenas no movimento sem significados, sem interesses e sentidos, deve haver um valor para a execução de cada movimento, tendo em vista que todo movimento é provido de subjetividade, no contrário é alienante. Sejam esses movimentos individuais ou em dupla, nas lutas, a dimensão procedimental deve se preocupar com o saber fazer. Exemplos apresentados pelos autores são: jogos de oposição, conquistas de espaços, quedas e amortecimentos, simulações de técnicas com socos e chutes, dentre outros.

Para Columá (2017) nesta dimensão podem ser trabalhadas as valências físicas nas diferentes posições e técnicas de cada modalidade de luta, assim como as projeções, imobilizações, torções características de cada luta. Neste sentido, o autor enfatiza a prática de atividades que valorizam a diversidade de movimentos a partir da realidade, tática e técnica de cada luta.

A palavra disciplina, por si só, foi caracterizada como um grupo semântico, pois ela representa como os professores podem ver as lutas como ferramenta na Educação Física Escolar. Percebemos que a representação é a mesma que descrita por Foucault (1987), no qual a disciplina serve para dominar e organizar os corpos e os espaços, fazendo do ser humano alvo do poder disciplinar, de fácil manipulação, fácil domínio a fim de ser utilizado de forma mais prática, o que o autor chamou de docilização dos corpos.

Neste sentido, as artes marciais, de maneira geral, enaltecem formas hierárquicas que atribuem um poder aos mais graduados ou os mais velhos, que não aparecem em outras modalidades, sobretudo por não possuírem os símbolos e códigos de superioridade, como nas faixas coloridas do judô, do jiu-jitsu, do caratê, do Taekwondo, ou até mesmo nas cordas da capoeira, dentre outras. Dessa forma, seguindo a lógica de Foucault (1987), ao analisar as punições corporais, os corpos que não mais seriam punidos com tortura, a fim de manterem sua utilidade laboral ao final na punição, sofreriam um processo de enquadramento social através de punições simbólicas. Neste sentido, trazemos a ideia de que as lutas assumem este papel de docilizador, sobretudo no ensino da educação física, como um conteúdo que valoriza a hierarquia de forma a reproduzir modelos de poder entre os sujeitos. Por mais que um professor não tenha domínio sobre o conteúdo de lutas, o conteúdo por si só já expressa essa relação de poder, contribuindo para essa docilização.

Uma problematização, que trazemos sobre esse Núcleo Central desses professores, é que os próprios fundadores de diversas modalidades de luta, sobretudo ocidentais, não entendiam a hierarquização ou o próprio processo de troca de faixas como uma relação de poder como a descrita acima, mas sim como um processo educacional, onde se extrapolaria o respeito mútuo, a gentileza, cordialidade, honestidade para além da prática da luta em si, como no caso de Kano, Funakoshi, Ueshiba (STEVENS, 2005). Dessa forma, há um sentido de práticas das lutas pela educação e não por uma questão comportamental de relação de poder e dominação de corpos e espaços.

Dentre os elementos dos quadrantes intermediários (2º e 3º quadrantes), sendo estas zonas de contraste, aparecem também elementos que poderiam se assemelhar a categoria disciplina do Núcleo Central, tendo em vista que evocações como “obediência/hierarquia” e “respeito” também surgiram. Essas evidências nos mostram que há um campo de representação dos professores de educação física que percebe as lutas como um conteúdo de controle dos corpos.

Alguns grupos semânticos encontram-se nos quadrantes intermediários (2º e 3º quadrantes) das representações sociais, aparentando ser situações as quais os professores encontram como meios

de realizar ou não as aulas de lutas na Educação Física Escolar (dificuldade de aplicação, formação e infraestrutura). Como exemplo, o estudo de Rufino (2016), que mostra as principais dificuldades para o ensino de lutas no contexto escolar, dentre elas: o preconceito que está ligado a incompreensão acerca das lutas na sociedade; incitação à violência e comparação com brigas; a falta de materiais básicos como vestimentas e pisos adequados; pouco material disponível; a falta de conhecimento para a utilização dos equipamentos; uma formação inicial deficiente com apenas uma ou outra modalidade sendo ensinada; currículo sem inovação e falta de produção científica. Todos esses elementos foram amplamente discutidos pelos autores que optamos por trazer como proponentes de práticas das lutas no contexto escolar, de forma que as limitações não poderiam ser impeditivas para seu desenvolvimento, sobretudo espaço físico e material (BREDA *et al.*, 2010; CARTAXO, 2011; RUFINO, DARIDO, 2015; COLUMÁ, 2017; PEREIRA, 2018).

A categoria dimensão atitudinal foi composta por termos: determinação, autoestima, briga, conduta, superação, conquista, autoconhecimento, concentração, controle, autoconfiança, iniciativa, autocontrole, desafio, socialização, respeito ao próximo, coragem, competitividade e atenção. Esta representação, assim como as demais desses quadrantes, nos mostra que há um grupo de representações que entende que as lutas no contexto da Educação Física Escolar estão voltadas aos objetivos da cultura corporal, no sentido de desenvolver diversas habilidades e coordenação, mas que permite o aluno perceber sua participação e interação com os colegas através da prática da luta (PEREIRA, 2018).

Segundo Rufino e Darido (2015), esta dimensão deve abranger os campos cognoscitivos, afetivos e comportamentais, com maior atenção ao afetivo, tendo em vista que, no campo da educação física, há uma interação significativa do aluno com o objeto e os demais alunos.

Breda *et al.* (2010) dizem que as lutas tradicionalmente envolvem respeito, dedicação, confiança e autoestima com o objetivo de formação integral do ser humano; porém, é preciso questionar essas tradições para que, sobretudo na dimensão atitudinal, o aluno possa ressignificar suas formas de ser no mundo. Logo, para os autores, esta dimensão envolve constante reflexão e discussão, sempre em transformação e se desenvolvendo.

Nos aspectos atitudinais, para Cartaxo (2011) devem ser destacados o controle das técnicas e emocional, a autoconfiança e a socialização. Já para Rufino e Darido (2015), algumas possibilidades dessa dimensão sobre as lutas na Educação Física Escolar faz compreender as atitudes e os valores inerentes às lutas, assim como sua conduta ética, os valores e princípios orientadores das práticas, o respeito mútuo, solidariedade, dentre outros.

Rufino e Darido (2015) apontam que é nesta dimensão que assuntos como: a discussão sobre a diferença entre briga e luta e seus desdobramentos e consequências na sociedade; a questão hierárquica presente nas lutas, sobretudo as orientais; questões sobre os limites do próprio corpo em execuções de determinadas técnicas contundentes, assim como a ética por trás em não as executar avaliando seu nível de periculosidade; e as relações de gênero nas lutas, dentre outras. Estes são extremamente relevantes para concluir uma efetivação na prática pedagógica das lutas na escola.

Os jogos em forma de simulação de lutas, seja em dupla ou mais participantes simultaneamente, são apontados por Columá (2017) como recursos eficientes para se desenvolver o autocontrole e o trabalho em equipe, principalmente porque as lutas e artes marciais incentivam o respeito, disciplina e o “ensino-ritual” que valorizam o sentido de agir com cortesia, lealdade e honra. O autor ainda afirma que esta dimensão e o que ela representa para a formação do indivíduo é a razão pela qual os pais e responsáveis buscam as lutas como atividade extracurricular para seus filhos e tutelados.

Mesmo que os autores caracterizem cada dimensão a ser contemplada no processo de ensino aprendizagem das lutas, que deveria ser discutido junto ao Projeto Político Pedagógico da instituição de ensino, há uma interligação entre os três, de maneira que não há uma dissociação entre eles (CARTAXO, 2011; RUFINO; DARIDO, 2015; COLUMÁ, 2017). Entretanto, é necessário apontar conceitualmente como uma das dimensões será trabalhada no planejamento, a fim de contemplar todas de forma didática e plena, assim como de ampliar os conteúdos das lutas e das demais manifestações da cultura corporal

(RUFINO; DARIDO, 2015).

Os elementos periféricos que se encontram no 4º quadrante, tem uma característica mais individualizada e contextualizada. Dos professores que se encontram nesta categoria semântica, estão aqueles que possuem experiências nas artes marciais e lutas fora do contexto escolar e da formação superior e professores que não possuem nenhuma vivência com nenhuma luta. Emergem desse contexto, os termos “educação”, “ludicidade” e uma categoria que definimos como dimensão conceitual formada pelos termos: filosofia da modalidade, cultura, valores e união.

O que fica exposto através da dimensão conceitual é o fato de que as lutas na Educação Física Escolar destacar o seu valor histórico e filosófico com uma carga cultural, como sua grande chave de apresentação desse bloco (COLUMÁ, 2017).

Para Rufino e Darido (2015) a dimensão conceitual requer atualizações e leituras constantes dos professores a fim de estarem atentos ao que muda de regras, nas normas e conceitos, o que se descobre sobre a história das modalidades e, principalmente, interpretar os acontecimentos para analisar criticamente os fatos e fenômenos; além de contribuir para que os alunos possam criar suas próprias interpretações e críticas.

Os autores acreditam que, ao compreender a história e as origens das lutas, é possível compreender como se inseriram em outras culturas, inclusive na brasileira. Ou seja, com tantos elementos simbólicos por trás de cada luta, seja de origem ocidental ou oriental, é possível que os alunos tenham acesso a conhecimentos para enriquecer a compreensão, reflexão e crítica das diversas práticas de lutas.

Cartaxo (2011) especifica que nos aspectos conceituais deve ser debatidos temas como a história das lutas, as regras atuais e específicas de cada uma, as lendas e fatos e a mídia por trás de cada modalidade de luta. Somado a isso, Rufino e Darido (2015) exemplifica atividades da dimensão conceitual como a diversidade de atividades de luta, suas classificações, a compreensão da esportivização das artes marciais, análise das modalidades que se tornaram olímpicas e as que não são olímpicas, pesquisas de práticas de lutas desconhecidas, conceitos biomecânicos e fisiológicos envolvidos, dentre outros.

Na dimensão conceitual Columá (2017), além do que já foi descrito pelos outros autores, destaca a importância e riqueza das questões filosóficas envolvidas em cada modalidade de luta e arte marcial. O autor ressalta que “o sagrado presente na filosofia das artes marciais deve ser ressignificado para o contexto educacional” (p.161), primando não pelo caminho do guerreiro, mas pelo caminho da educação e seus valores agregados que interagem com a dimensão atitudinal. O contexto de arte marcial em que o autor se refere, este relacionado ao conjunto de lutas que envolve elementos filosóficos, das trajetórias dos mestres, das que se baseiam do caminho do guerreiro oriental (*bushidô*).

Através desse quadrante é possível perceber que existe um grupo que compreende as lutas no contexto educacional proposto por idealizadores de diversas artes marciais ocidentais (STEVENS, 2005). Sobretudo, quando somado a ideia das dimensões conceituais e lúdicas, este quadrante manifesta elementos periféricos que podem constituir um indicativo muito forte das modificações futuras das representações, portanto sendo uma cognição condicionante das representações (SÁ, 2002), onde esse processo de adquirir conhecimentos os condiciona a gerar novos conceitos para seu ensino.

Além disso, os professores os quais tiveram as palavras enunciadas neste quadrante, apresentaram uma disparidade no que se refere a atuação em suas aulas, pois dos 12 professores das palavras enunciadas, 4 trabalham de forma lúdica suas aulas, 3 de uma dimensão procedimental, 1 relata trabalhar de uma forma completa em um bimestre inteiro e 4 professores relatam não trabalhar com lutas em suas aulas de educação física ou trabalham de forma vídeo aulas e apostilas. Estes dados corroboram com o que, a representatividade do Quadrante Periférico das representações Sociais demonstra, uma condição móvel e flexível (SÁ, 2002).

Se por um lado verificou-se a disciplina e a luta em si como Núcleo Central das Representações Sociais (NCRS), por outro lado, ficou evidente nos quadrantes periféricos e intermediários, uma relação

com a prática, mas também, com as características de aplicabilidade das lutas por parte dos próprios professores, sobretudo no que tange as dificuldades, conceitos e conteúdo.

Conclusão

Defendemos a hipótese de que as representações sociais dos professores sobre o conteúdo de lutas na Educação Física Escolar estão associadas às dificuldades no quesito infraestrutura. Dessa forma, tendo em vista estudos que apontam a escassez de material direcionados a lutas na Educação Física Escolar, diante da presença desse conteúdo em documentos de orientação curricular como PCNs e BNCC, entendemos que este estudo pode contribuir para uma reflexão sobre como está o conteúdo lutas nas representações sociais dos professores, a fim de subsidiar novas investigações. Por mais que haja inúmeras dificuldades ao pensar em ações pedagógicas no desenvolvimento das aulas de lutas na Educação Física Escolar, há também possibilidades de superação de padrões, nos quais há um campo amplo a ser explorado.

As representações sociais das lutas na Educação Física Escolar estão, ainda, associadas à dificuldade de aplicação, mesmo para professores que tiveram vivências e experiências em diferentes artes marciais. No que se refere a hipótese do estudo, podemos observar que “dificuldades” não foi uma das palavras enunciadas no Núcleo Central, porém dois grupos semânticos de palavras de aplicabilidades práticas, não sendo uma forma totalizada que as lutas podem oferecer. Identificamos também neste estudo que poucos professores norteiam suas aulas com base no Projeto Político Pedagógico, não havendo uma característica de base de objetivos específicos nas escolas, sobre o conteúdo de lutas.

Dessa forma, as representações sociais dos professores sobre o conteúdo das lutas na Educação Física Escolar apareceram como “disciplinador” e como “dimensão procedimental”, a qual se resume a prática de jogos de oposição e práticas que não buscam definir uma modalidade de arte marcial. Além disso, foi observado ainda que existe um grupo de professores que pensa as lutas na “dimensão conceitual”, sobretudo quando, neste grupo, também encontram as representações sociais que associam o ensino das lutas à “educação” e à “ludicidade”, indicando que há alguns indícios de possíveis transformações das representações sociais. Ou seja, se as lutas na Educação Física Escolar pudessem ser mais bem exploradas, talvez as vivências anteriores aos cursos de formação fossem mais frequentes e a possibilidades de emergência de diferentes representações sociais para a prática poderiam ser encontradas.

Ressaltamos a importância da contínua pesquisa sobre o tema das lutas nas aulas de Educação Física da Escola, principalmente os que abordem se professores de Educação Física com ou sem experiências anteriores nas lutas/artes marciais, apresentam alguma diferenciação em suas representações sociais e prática educativa na Educação Física Escolar.

Conflito de interesse

Os autores declaram não haver conflitos de interesse de nenhuma natureza.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília, DF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Curricular Comum**. Brasília, DF, 2017.

BREDA, M. *et al.* **Pedagogia do esporte aplicada às lutas**. São Paulo: Phorte, 2010.

CARTAXO, C. A. **Jogos de combate: atividades recreativas e psicomotoras – teoria e prática**. Petrópolis: Vozes, 2011.

- COLUMÁ, J. F. Lutas e Educação: a ressignificação das artes marciais como instrumento pedagógico. In: TELLES, S.; TRIANI, F. **Educação Física Escolar: múltiplos olhares**. Rio de Janeiro: Autografia, p. 160-176, 2017.
- COSTA, A. V. *et al.* Desafios para o ensino das lutas na escola: Um panorama a partir da base de dados do portal de periódicos da CAPES. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 44-56, 2019.
- DARIDO, S. C.; SOUZA JUNIOR, O. M. **Para Ensinar Educação Física: possibilidades de intervenção na escola**. Campinas, SP; Papyrus, 2019.
- FERREIRA, H. S. As Lutas na Educação Física Escolar. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 135, p.36-44, 2006.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Trad. Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.
- GASPAROTTO, G. S.; DOS SANTOS, S. L.C. Produção Científica Nacional sobre o Ensino de Lutas no Ambiente Escolar: Estado da Arte. **Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, Campinas, v. 11, n. 4, p.112-124, 2013.
- GOMES, S. M. P. **Ensino (e aprendizagem) das lutas**. Curitiba: Appris, 2023.
- JACOMIN, L. S. *et al.* Estudos sobre Arte Marcial e Lutas na Literatura Brasileira: Revisão Sistemática. **Colloquium Vitae**, Presidente Prudente, v. 85, n. 2, p.149-157, 2013.
- LEONEL, M. G. **Atividades extracurriculares na escola (Jiu-jitsu): quando a formação do professor importa**. Trabalho de Conclusão de Curso. Programa de Pós-Graduação lato sensu em Educação Física Escolar, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), Campus Duque de Caxias, Duque de Caxias, RJ, 2019.
- MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- PEREIRA, M. C. M. C. **As lutas na Educação Física Escolar**. São Paulo: Phorte, 2018.
- ROSA, T. S. *et al.* Lutas na Escola: valiosa ferramenta pedagógica para o segundo segmento do ensino fundamental. **Fiep Bulletin**. Foz do Iguaçu, v. 81, 2011.
- RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. **O ensino das lutas na escola: possibilidades para a educação física**. Porto Alegre: Penso, 2015.
- RUFINO, L. G. B. Estudos Fundamentos das Lutas e o Processo de Inclusão: Perspectivas Pedagógicas na Diversidade Educativa Contemporânea. **Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício**, São Paulo, v. 11, n. 63, p.919-920, Edição Especial, 2016.
- SÁ, C. P. **Núcleo Central das Representações Sociais**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- SILVA, M. S.; BRACHT, V. Na pista de práticas e professores inovadores na educação física escolar. **Kinesis**, Santa Maria, Vol. 30, n. 1, 2012.
- STEVENS, J. **Três mestres do Budô: Kano, Funakoshi, Ueshiba**. São Paulo: Cultrix, 2005.